



Os imigrantes italianos em São Paulo, na perspectiva de Alcântara Machado

Vera Lúcia de Oliveira
(Università degli Studi di Lecce)

RESUMO: O livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado, publicado em 1927, focaliza a vida de alguns bairros populares de São Paulo (indicados no título da obra), povoados por imigrantes italianos. É este mundo que o autor narrará - às vezes com simpatia, às vezes com ironia destacada - revelando, de forma clara ou nas entrelinhas, os estereótipos em voga naquele momento sobre a figura do italiano recém-chegado, por vezes ainda ignorante da língua e das tradições, mas desejoso de galgar rapidamente os degraus da escala social, de conquistar um lugar na nova sociedade de adoção. A nossa é uma tentativa de leitura desse embate cultural entre os imigrantes e a comunidade nacional, embate filtrado nos contos que surpreendem - com extraordinária vivacidade - o cotidiano dos bairros populares de São Paulo, precisamente no momento em que os vários grupos de imigrantes estão vivendo o processo de integração e assimilação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: imigração italiana em São Paulo; Alcântara Machado.

Brás, Bexiga e Barra Funda (1927), de Alcântara Machado, *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), de Oswald de Andrade, e *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, são os primeiros livros de prosa que podemos definir intrinsecamente inovadores do Modernismo brasileiro. Inicialmente, foi a poesia a ponta de lança dos intelectuais que buscavam renovar as letras e as artes, uma poesia cuja linguagem foi completamente desarticulada em busca da síntese, equilíbrio, invenção e surpresa que Oswald de Andrade indicou como os verdadeiros objetivos a serem atingidos, para a criação de uma linguagem literária nacional. As mesmas características marcaram, depois, também a prosa experimental vanguardista daqueles anos, da qual as três obras citadas representam pedras miliárias. Essa prosa, que incorpora a linguagem coloquial, que se enriquece com a “contribuição milionária de todos os erros”¹, desbasta a retórica nacional e cede depois o passo

1 Expressão de Oswald de Andrade. "Manifesto da Poesia Pau-Brasil", in *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo e Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 42.

ao romance enxuto, crítico, social e regionalista dos anos trinta, que, às inovações formais modernistas, associa um concreto senso de participação social.

Das três obras em prosa que marcaram o primeiro Modernismo, interessa-nos neste contexto sobretudo o livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado, publicado em 1927, que focaliza a vida de alguns bairros populares de São Paulo (indicados no título), povoados por imigrantes italianos. É este mundo que o autor narrará - às vezes com simpatia, às vezes com ironia destacada -, revelando, de forma clara ou entre linhas, os estereótipos em voga naquele momento sobre a figura do italiano recém-chegado, por vezes ainda ignorante da língua e das tradições, mas desejoso de galgar rapidamente os degraus da escala social, de conquistar um lugar na nova sociedade de adoção.

Alcântara Machado pertencia a uma das mais antigas famílias de São Paulo, cuja origem remonta aos primeiros séculos da colonização, família tradicional de proprietários terrieiros e de políticos e intelectuais. O próprio Alcântara Machado foi eleito deputado em 1934, mas não chegou a exercer o cargo, pois faleceu um ano depois, sem ter completado trinta e cinco anos.

Nascido em São Paulo em 1901, nesta cidade realiza os estudos, formando-se em Direito, em 1923. Freqüenta os círculos culturais da capital, colabora com vários jornais da cidade, viaja por toda a Europa. Se não participa diretamente das primeiras manifestações modernistas de 1922, será a seguir um dos mais veementes defensores da nova causa, tanto que foi um integrante do grupo antropofágico e dirigiu, com Raul Bopp, a primeira fase da *Revista de Antropofagia*.

Além do livro citado, publicou *Pathé-Baby*, em 1926, *Laranja da China*, em 1928, e *Mana Maria e Cavaquinho e saxofone*, ambos póstumos, publicados, respectivamente, em 1936 e em 1940. Interessou-se também pela história: é de 1928 a sua monografia sobre o Padre José de Anchieta.

Alcântara Machado é um representante da velha aristocracia latifundiária, que entra em crise com as transformações estruturais que se verificam na sociedade brasileira entre o fim do século XIX e o início do século XX. A abolição da escravatura, em 1888, e a proclamação da república, em 1889, mudaram radicalmente a configuração político-social do país. Iniciou então o período da grande imigração, a qual deveria substituir a mão-de-obra escrava. Cidades como São Paulo transformam-se de um dia para o outro; nascem freneticamente novos bairros com a chegada de milhares de famílias em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Entre 1880 e 1900, um milhão de imigrantes, muitos dos quais italianos, entra no Brasil, sendo que uma boa parte se fixa no Estado de São Paulo, empregando-se nas plantações de café do interior ou nas novas fábricas que surgiam na capital. Alguns se tornam pequenos empresários e implantam atividades industriais ou

comerciais. O rápido processo de urbanização e industrialização cria, em pouco tempo, novos ricos e empobrece outros.

Estes eventos seguramente influenciaram a obra de Alcântara Machado: o seu enfoque dos fatos, o ângulo de observação a partir do qual ele narra, é condicionado por todas estas circunstâncias e transformações. O olho estranhado, com o qual capta a realidade dinâmica da cidade paulista em plena fase de assimilação multirracial e multicultural, e o modo de caricaturar defeitos e qualidades dos novos habitantes, evidencia a sua origem e o fato de que ele é parte integrante de um mundo que sofrerá o impacto e que se desintegrará, parcialmente, em função dos mutamentos em ato. A partir desta perspectiva, ele poderá descrever a multidão de imigrantes, sobretudo italianos, empenhados em suas humildes tarefas cotidianas, na fadiga de sobreviver e na luta para ascender socialmente e confundir-se, às vezes através do matrimônio, com a aristocracia fundiária, os barões do café.

No *Artigo de Fundo*, com o qual se abre o livro, o autor afirma: “*Brás, Bexiga e Barra Funda* é o órgão dos ítalo-brasileiros de São Paulo” E acrescenta que o livro “tenta fixar tão-somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e quotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas”². O autor passa depois a narrar como se formou a sociedade brasileira: inicialmente, do encontro das “três raças tristes” a branca, a negra e a índia, influenciado nesta caracterização em negativo (“tristes”) pelo “ensaio sobre a tristeza brasileira” de Paulo Prado, o *Retrato do Brasil*, obra que marcou muitos dos modernistas.

A seguir, afirma o autor, chegaram novos aventureiros de terras distantes, sobretudo da Europa, que se mesclaram e se fundiram com os atuais habitantes do país. São Paulo, como o Brasil, transformara-se, assimilara outros costumes, línguas e tradições. E é desse novo país que o autor afirma que vai falar, embora previna que o fará sem aprofundar as problemáticas em questão e, sobretudo, sem comentar, discutir ou julgar idéias e valores expressos pelos personagens nos diversos contos. Apresentará as situações e os episódios de rua, narrará os fatos cotidianos: a sua é a crônica da cidade vivaz, cambiante, vital no seu crescer e mudar continuamente forma e substância.

A obra traça um rico painel social e humano dos bairros italianos, com todo o colorido dos tipos e cenas apreendidos cineticamente. Imagens e sons irrompem a todo o momento no texto. Se quase não temos introspecção e análise psicológica nos contos, é extraordinária a viveza da narração, a notação rápida dos diálogos, o tom coloquial, a capacidade do autor de colher o imprevisto e o cômico das situações em flashes e cortes

2 Alcântara Machado, A. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1994, pp. 19-22.

de cenas rápidas e surpreendentes. É uma prosa calcada na linguagem cinematográfica, a mesma que caracteriza os livros de Oswald de Andrade deste período, *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*.

O livro é constituído de onze contos, narrados em terceira pessoa. Os personagens são, na maior parte, imigrantes ou filhos de imigrantes italianos, privilegiados, nessa focagem, porque eram um dos grupos mais numerosos presentes em São Paulo.

O italiano acaba por tornar-se uma língua muito difusa nas primeiras décadas na capital paulista e o autor evidencia tal fenômeno utilizando uma linguagem híbrida, entremeadada de italianismos, enxertados com grande naturalidade no texto: “Vamos dar uma volta até a Rua das Palmeiras, Bianca? Andiamo”³; “Parlo assim para facilitar. Non é para ofender. Primo o doutor pense bem. E poi me dê a sua resposta. Domani, dopo domani, na outra semana quando quiser. Io resto à sua disposição. Ma pense bem!”⁴; “- Scusi, senhora. Desculpe por favor. A senhora sabe, essas crianças são muito levadas - Scusi. Desculpe”⁵; “Do que a gente bisogna no Brasil bisogna mesmo, é d’un buono governo, mais nada!”⁶, etc.

Nos vários contos, os italianos são descritos como simpáticos, pitorescos, alegres, rumorosos, laboriosos, mas também rudes, atrevidos, astutos, arrivistas, por vezes obtusos nacionalistas. Evidenciam-se, nas várias situações, alguns dos muitos estereótipos correntes a respeito dos italianos, imagens externas, originadas do embate com a população local ou com os outros grupos de imigrantes que chegaram ao país no mesmo período. Veja-se, por exemplo, o relacionamento conflitual entre o italiano e o alemão, no conto “Tiro-de-Guerra n.º 35” e entre o italiano e o português, no conto “Armazém progresso de São Paulo”

Em “Tiro-de-Guerra n.º 35”, o ítalo-brasileiro Aristodemo Guggiani demonstra-se muito mais solícito em assimilar a nova cultura e os seus símbolos, neste caso o hino nacional (“Aristodemo só de ouvi-lo ficou brasileiro jacobino”⁷), do que o camarada de origem alemã, Guilherme Schwertz, que, justamente por isto, receberá uma sonora bofetada do italiano (“O alemãozinho levou um tabefe de estilo (...) O desgraçado estava escaçando com o hino do Brasil!”⁸). Temos aqui o estereótipo do italiano obtusamente patriota, que ama a hierarquia, quer se ache de um lado como do outro do Atlântico.

3 Alcântara Machado, A., *op cit.*, p. 32.

4 Ibidem, p. 46.

5 Ibidem, p. 49.

6 Ibidem, p. 75.

7 Ibidem, p. 35.

8 Ibidem, p. 36.

No segundo caso, em “Armazém progresso de São Paulo” temos um português e um italiano em competição, ambos pequenos proprietários de estabelecimentos comerciais. O italiano, trabalhador obstinado, é também ferozmente sagaz na tentativa, bem sucedida, de eliminar a concorrência do português: “Em frente a Confeitaria Faiva Couceiro expunha renques de cebola e a mulher do proprietário grávida com um filhinho no colo. Esse espetáculo diário era um gozo para o Natale. (...) Natale que não perdia tempo calculou logo quanto poderia oferecer por toda aquela mercadoria (cebolas e o resto) no leilão da falência: dez contos, talvez sete, quem sabe cinco. O português não agüentaria mesmo o tranco por mais tempo”⁹ O atrito, neste caso, dá-se entre os novos (os italianos) e os velhos imigrantes (os portugueses), aqueles que já se integraram, que assimilaram o modo de viver nacional. A competição, de fato, não se verifica apenas entre “estrangeiros” mas entre os imigrantes e a população local, os brasileiros mestiços formados do cruzamento secular entre os três grupos que inicialmente conformaram a geografia física nacional.

Outros estereótipos abordados no texto são os do italiano sedutor à Rodolfo Valentino: “o Ângelo Cuoco de sapatos vermelhos de ponta afilada, meias brancas, gravatinha deste tamaninho, chapéu à Rodolfo Valentino, paletó de um botão só”¹⁰; ou o do italiano grosseiro: “No degrau de cimento ao lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a belezinha do queixo cospe e cachimba, cachimba e cospe”¹¹; ou ainda o do italiano ambicioso e bem sucedido nos negócios, capaz de se aliar com a aristocracia local, como no conto “A Sociedade” em que Salvatore Melli combina o casamento de seu filho com a filha do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda, família paulista tradicional: “No chá do noivado do Cav. Uff. Adriano Melli na frente de toda a gente recordou à mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, Olio di Lucca e bacalhau português, quase sempre fiado e até sem caderneta”¹²

Os estereótipos geram-se, como se afirmou, do embate entre os vários grupos, da competição entre eles e da tentativa de superar a condição de imigrante e, conseqüentemente, de marginalizado social. Revelam os preconceitos e os anacronismos de uma sociedade que deve aprender a conhecer e a aceitar a alteridade. O Brasil, país multiétnico, realizou um esforço, efetuou um percurso para chegar a essa compleição social e cultural, percurso em que cada grupo deu algo de si e adquiriu muito dos outros. E *Brás, Bexiga e Barra Funda*

9 Ibidem, pp. 66-67.

10 Ibidem, p. 28.

11 Ibidem, p. 32.

12 Ibidem, p. 48.

focaliza o momento em que se verifica o processo de assimilação dos italianos à sociedade nacional, com toda a sua carga problemática, com os pequenos e grandes dramas cotidianos, com lacerações individuais e coletivas entre uma memória que não se quer perder e uma identidade que se quer conquistar para poder ser aceito.

Tal processo aparece de forma bastante explícita no conto “Nacionalidade” em que vemos um barbeiro, Tranquillo Zampinetti, patriota ferrenho, que segue, nas páginas do *Fanfulla*¹³, todas as notícias sobre a guerra italiana na África e comenta, enquanto faz a barba aos clientes, as vitórias dos *bersaglieri* em Trípoli, fendendo o ar com a navalha como se fendesse a resistência dos “inimigos”. Em Tranquillo Zampinetti o cordão umbilical com a Itália é muito forte: “Mas ia dormir com aquela idéia na cabeça: voltar para a pátria”¹⁴. Para os filhos, ao contrário, esse laço atenua-se, dissolve-se. A grande desilusão do barbeiro Tranquillo é justamente esta, “um desgosto patriótico e doméstico”: os dois filhos, Lorenzo e Bruno, “não queriam saber de falar italiano. Nem brincando”¹⁵. O fato é que o suceder das gerações desapega o imigrante à terra natal. Os italianos de segunda ou terceira geração sentem-se muito menos estrangeiros do que os pais, mais integrados à sociedade brasileira, da qual assimilam a língua e os valores, como por exemplo, no conto em questão, o de se formar, seguindo a tradição das ilustres famílias, na Escola de Direito do Largo de São Francisco. E é significativo que o primeiro ato do advogado Bruno será o de requerer ao Ministro da Justiça a naturalização do pai.

No próprio barbeiro é possível seguir, com a síntese que caracteriza todos os contos do livro, o processo de adaptação, de distanciamento psicológico da terra de origem e de enraizamento no Brasil, paralelo à sua ascensão econômica e social. O arraigamento completa-se neste personagem quando o sonho de retornar à Itália é substituído pela preocupação de construir uma capela funerária digna da nova posição da família: “E o único trabalho que tinha era fiscalizar todos os dias a construção da capela da família no cemitério do Araçá”¹⁶.

Rubens Ricupero afirma que em *Brás, Bexiga e Barra Funda* o autor aborda precisamente o período de maior hibridismo dos vários grupos, “da mistura das línguas e das comidas, do apagar-se gradual dos valores e imagens do país que ficou atrás e do engajamento progressivo na realidade nova”¹⁷. Dez anos mais tarde Alcântara Machado já não

13 O *Fanfulla* era o cotidiano mais representativo dos italianos de São Paulo. Fato significativo da presença maciça dos italianos na capital paulista é o grande número de periódicos em língua italiana que circulavam: pelo menos 150 entre os anos de 1882 e 1920.

14 Alcântara Machado, A., *op cit.*, p. 72.

15 *Ibidem*, p. 70.

16 *Ibidem*, p. 75.

17 Ricupero, R., Alcântara Machado: testemunha da imigração. *Estudos Avançados*, 7 (18), 1993, p. 139.

teria encontrado, no coração de São Paulo, essa “Pequena Itália” que ele “retratou, no efêmero do seu apogeu”¹⁸ porque o dinamismo e a mobilidade da cidade eram incessantes.

Mas, se os vários contos do livro colhem o momento de transição dos ítalo-brasileiros e os mil subterfúgios dos adultos para sair da condição de “estrangeiro” colhem também, com imagens extraordinariamente ternas, o mundo das crianças, dos filhos dos imigrantes dos bairros pobres, os quais sentem na própria pele sobretudo a discriminação econômica de que são vítimas.

É o caso de Gaetaninho, personagem central do conto homônimo, que sonha poder um dia andar de Ford, um sonho quase irrealizável em uma periferia na qual, no máximo, se andava de bonde: “De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro”¹⁹. E, de fato, só depois de morto se realizará o seu sonho, e Gaetaninho poderá ir de carro, mas fúnebre: “Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boléia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima”²⁰.

Um outro conto que aborda o mundo infantil é “Lisetta” no qual a pequerrucha se encanta com um ursinho de pelúcia, visto no colo de uma menina rica, brinquedo caro que ela não poderá ter e nem sequer tocar. A cena se passa em um bonde, com os passageiros como espectadores. A mãe, no embarço, até mesmo no vexame que prova pelo comportamento da filha em público, comportamento aliás bastante compreensível para uma criança, revela involuntariamente, nos gestos e nas palavras convulsas, o desejo de se confundir com os demais, de não chamar a atenção sobre si. Nada a fazer, a filha embirra, protesta, chora porque quer ter nos braços, pelos menos por um instante, o felpudo bichinho, até que a mãe perde a paciência e acaba pespegando-lhe um beliscão, diante de todos. O conto termina com Lisetta já em casa, que receberá finalmente, como consolação, um pobre ursinho de lata, mas que bastará para enchê-la de alegria: “Lisetta deu um pulo de contente. Pequerrucho, Pequerrucho e de lata. Do tamanho de um passarinho. Mas urso”²¹

O livro nos dá assim as coordenadas de um mundo complexo e mesmo trágico, nas tantas histórias de misérias, astúcias, manhas, sonhos, sofrimentos de uma humanidade que abre caminho caminhando, que quer sair da marginalidade em que os imigrantes vivem antes de serem aceitos e antes de aceitar a nova condição, a nova cultura, o novo país que irão ajudar a construir.

18 Ibidem, p. 143.

19 Alcântara Machado, A., *op. cit.*, p. 23.

20 Ibidem, p. 26.

21 Ibidem, p. 50.

É bem verdade, como afirma Rubens Ricupero, que Alcântara Machado aborda o problema da dor apenas “sob a forma de sentimento individualista” e que predomina no texto uma visão basicamente otimista, ligada mais à ascensão e ao êxito dos imigrantes do que às tensões e dramas profundos que eles enfrentam²². E, no entanto, atrás do cômico de muitas cenas, escondem-se a humilhação, as frustrações, uma dor não comensurável senão por quem a estava vivendo.

Na verdade, Alcântara Machado é muito explícito quando afirma que o seu livro é uma homenagem ao dinamismo dos imigrantes italianos e que ele quer evidenciar a força e a virtude desta nova “fornada mamaluca” comparando-a, de fato, com os bandeirantes que, nos séculos XVI, XVII e XVIII, percorreram todo o território brasileiro, alargando os confins iniciais. Também estes novos brasileiros, na esteira dos antigos pioneiros, contribuem para o desenvolvimento nacional. Entre estes, afirma que existem ilustres literatos, jornalistas, cientistas, políticos, esportistas, artistas e industriais, os quais “figuram entre os que impulsionam e nobilitam neste momento a vida espiritual e material de São Paulo”²³.

O autor acrescenta ainda que o livro, não obstante as vicissitudes e fatos por vezes patéticos que privilegia, não é uma sátira, mas uma homenagem à força e à pertinácia de um povo que, por circunstâncias diversas, precisou deixar a própria terra e adaptar-se a uma outra.

De qualquer maneira, é bom ter presente que seu ponto de vista é o do intelectual que, embora assista às transformações com curiosidade e simpatia, observa com a lente crítica do aristocrático nacional, que pertence a outro ambiente e que, por mais que afine a sensibilidade, nunca chega a captar o fenômeno da imigração pelo lado de dentro.

Como ocorre com o Príncipe Salina, no romance *Il Gattopardo*, do siciliano Tomasi di Lampedusa²⁴, transparece - atrás das situações, da linguagem, do comportamento dos personagens - uma certa estranheza e perplexidade diante da ambição, do arrivismo e da desinibição com os quais alguns destes novos brasileiros contornam as dificuldades e superam os obstáculos na sua ascensão social. Talvez por isso escape ao autor a dimensão mais profunda das tensões e do drama humano ligado à adaptação e ao esforço de integração que os imigrantes realizavam.

Se o livro é uma espécie de admirada homenagem à elasticidade mental dos recém-chegados, a narrativa de Alcântara Machado denota também um olhar que observa de

22 Cfr. Ricupero, R., *op. cit.*, p. 140.

23 Alcântara Machado, A., *op. cit.* p. 22.

24 Cfr. Tomasi di Lampedusa, G. *Il Gattopardo*. Milão: Feltrinelli, 1985.

fora, um olhar curioso, mas destacado: ele não se identifica e não participa da vida desta humanidade aflita e afobada, humilde ou patética, que descreve com realismo.

ABSTRACT: Il libro Brás, Bexiga e Barra Funda, di Alcântara Machado, pubblicato nel 1927, tratta della vita di alcuni quartieri popolari di San Paolo (indicati nel titolo dell'opera), abitati da immigranti italiani. Il narratore rappresenta questo universo - ora con simpatia ora con ironia - rivelando, in modo chiaro o tra le righe, gli stereotipi in voga in quel periodo sugli italiani arrivati da poco, che non conoscevano ancora la lingua e le tradizioni del Brasile, ma desideravano raggiungere rapidamente una posizione sociale ed economica elevata, per conquistare un posto nella nuova società. Nell'articolo si propone una lettura dello scontro fra gli immigranti e la società brasiliana, scontro filtrato nei racconti che presentano - con straordinaria vivacità - il quotidiano dei quartieri popolari di San Paolo, proprio nel momento in cui vari gruppi di immigranti stanno vivendo il processo di integrazione e assimilazione.

PAROLE CHIAVE: immigrazione italiana a San Paolo; Alcântara Machado.

Bibliografia consultada

- ANDRADE, Oswald de. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo e Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- Associazione Italia-Brasile. *Novamente ritrovato: il Brasile in Italia 1500-1995*. Roma: Presidenza del Consiglio dei Ministri, s.d.
- Itália-Brasil: relações entre os séculos XVI e XX*. São Paulo: Museu de Arte São Paulo Assis Chateaubriand e Fondazione Giovanni Agnelli, 1980.
- LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *Il Gattopardo*. Milão: Feltrinelli, 1985.
- MACHADO, Antônio Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1994.
- RICUPERO, Rubens. Alcântara Machado: testemunha da imigração. *Estudos Avançados*, 7 (18), 1993, pp.139-162.